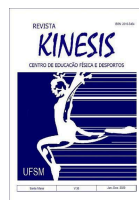




REVISTA KINESIS



Revista Kinesis, Santa Maria, RS, v. 42, n. esp. 1, e84641, p. 1-23, 2024 • <https://doi.org/10.5902/2316546484641>

Submissão: 03/08/2023 • Aprovação: 07/11/2023 • Publicação: 02/ 08/2024

Dossiê Praxiologia Motriz

Proposta de ensino do voleibol: um ensaio teórico a partir de conceitos praxiológicos e de metodologias de ensino centradas na compreensão do jogo

Proposal for teaching volleyball:
a theoretical essay based on praxeological concepts and teaching
methodologies centered on the understanding of the game

Propuesta de enseñanza del voleibol:
un ensayo teórico basado en conceptos praxeológicos y metodologías de
enseñanza centradas en la comprensión del juego

Nicole Chiba Galvão¹  , LÍlian Aparecida Ferreira¹ 

¹ Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, Brasil

RESUMO

No cenário nacional é crescente o surgimento de pesquisas que almejam romper com o ensino fragmentado e com a execução repetitiva dos movimentos no ensino das modalidades esportivas coletivas. Arelado a isso, observamos um aumento dos estudos relacionados à teoria da Praxiologia Motriz, de Pierre Parlebas, para compreender as estruturas e as dinâmicas de funcionamento dessas práticas corporais. Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar um ensaio teórico sobre o ensino do voleibol. A partir da análise praxiológica do voleibol foram realizadas aproximações com elementos de duas metodologias centradas na compreensão do jogo: o Teaching Games for Understanding e o Ensino dos desportos coletivos. A proposição foi estruturada a partir de quatro momentos: 1) O entendimento da complexidade do jogo; 2) A relevância da comunicação nas práticas sociomotrizes de companheiros e adversários; 3) A compreensão da gama de ações motrizes e regras de ação; 4) A reflexão sobre os papéis e subpapéis do voleibol formalizado. Este ensaio nos possibilitou estabelecer um diálogo teórico e metodológico com pistas sobre possíveis caminhos de renovação do ensino das modalidades coletivas, dando relevo à compreensão do jogo e à centralidade do aluno/jogador para auxiliar nas escolhas pedagógicas do professor.

Palavras-chave: Praxiologia Motriz; Compreensão; Voleibol; Alunos



Artigo publicado por Revista Kinesis sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

ABSTRACT

In the national scenario, there is a growing emergence of research that aims to break with fragmented teaching and repetitive execution of movements in the teaching of collective sports modalities. Linked to this, we observed an increase in studies related to Pierre Parlebas' theory of Motor Praxeology, to understand the structures and dynamics of the functioning of these body practices. Thus, the objective of this article is to present a theoretical essay on the teaching of volleyball in an educational institution focused on leisure. From the praxeological analysis of volleyball, approximations were made with elements of two methodologies centered on the understanding of the game: Teaching Games for Understanding and Teaching Team Sports. The proposition was structured from four moments: 1) The understanding of the complexity of the game; 2) The relevance of communication in the socio-motor practices of teammates and opponents; 3) The understanding of the range of motor actions and rules of action; 4) The reflection on the roles and sub roles of formalized volleyball. This essay allowed us to establish a theoretical and methodological dialogue with clues about possible ways of renewing the teaching of collective modalities, emphasizing the understanding of the game and the centrality of the student/player to assist in the pedagogical choices of the teacher.

Keywords: Motor Praxeology; Understanding; Volleyball; Students

RESUMEN

En el panorama nacional, hay un número creciente de investigaciones que pretenden romper con la enseñanza fragmentada y con la ejecución repetitiva de movimientos en la enseñanza de deportes colectivos. Vinculado a esto, observamos un aumento de estudios relacionados con la teoría de la Praxeología Motriz, de Pierre Parlebas, para comprender las estructuras y dinámicas de funcionamiento de estas prácticas corporales. Por ello, el objetivo de este artículo es presentar un ensayo teórico sobre la enseñanza del voleibol en una institución educativa enfocada al ocio. Con base en el análisis praxeológico del voleibol, se realizaron aproximaciones con elementos de dos metodologías centradas en la comprensión del juego: Enseñanza de Juegos para la Comprensión y Enseñanza de Deportes de Equipo. La propuesta se estructuró a partir de cuatro momentos: 1) Comprensión de la complejidad del juego; 2) La relevancia de la comunicación en las prácticas sociomotrices de compañeros y adversarios; 3) Comprensión de la gama de acciones de conducción y reglas de acción; 4) Reflexión sobre los roles y sub-roles del voleibol formalizado. Este ensayo permitió establecer un diálogo teórico y metodológico con pistas sobre posibles vías de renovación de la enseñanza de modalidades colectivas, destacando la comprensión del juego y la centralidad del alumno/jugador para auxiliar en las elecciones pedagógicas del docente.

Keywords: Praxiología Motriz; Comprensión; Vóleibol; Estudiantes

1 INTRODUÇÃO

As metodologias de ensino dedicadas a romper com o ensino fragmentado e com a execução repetitiva dos movimentos no âmbito das modalidades esportivas coletivas, surgem, no Brasil, muito influenciadas pela produção internacional alemã e inglesa (Mahlo, 1980; Alberti; Rothenberg, 1984; Bunker; Thorpe, 1982). Estas se voltam para dar relevo ao ensino das modalidades esportivas com base na

compreensão do jogo por parte dos aprendizes, ganhando a denominação, mais acentuadamente no cenário nacional, de Pedagogia do Esporte (Paes; Balbino, 2005; Reverdito; Scaglia, 2009).

Essa forma de pensar acentua o destaque no viés pedagógico, sinalizando para um compromisso com quem aprende e para as noções de totalidade, complexidade e singularidade, que caracterizam o ensino dos esportes coletivos.

Trata-se, portanto, de uma possibilidade pedagógica, mas não a única, se considerarmos que no interior dos processos educativos há muitos projetos que podem se alinhar ou concorrer entre si, talvez por isso pudéssemos pensar em espectros mais amplos em torno das matrizes pedagógicas, utilizando a expressão pluralizada Pedagogias do Esporte.

Concomitantemente às Pedagogias do Esporte, uma teoria que vem desenvolvendo estudos no interior das análises das estruturas e dinâmicas das práticas motrizes, incluindo as modalidades esportivas coletivas, com vista a melhor compreendê-las e, conseqüentemente, trazer contribuições para o âmbito do ensino, é a Praxiologia Motriz. Esta se caracteriza por uma teoria epistemológica, criada por Pierre Parlebas na década de 1960, e que se configura como uma área do conhecimento que apresenta como especificidade a análise e compreensão da ação motriz. A ação motriz se manifesta por meio da interação das pessoas com as solicitações requeridas pelas estruturas e pelas dinâmicas de funcionamento das práticas motrizes (Parlebas, 2020), ou seja, as práticas corporais (jogos, lutas, danças, esportes, ginásticas, práticas corporais de aventura etc.), termo este que parece mais familiar à linguagem nacional.

Na interlocução da Praxiologia Motriz com as Pedagogias do Esporte, aquelas que reconhecem a complexidade das modalidades esportivas e, portanto, entendem a necessidade de compreendê-las como todo e não em partes, particularmente as que solicitam a compreensão e a interação entre os praticantes, parceiros e adversários, nos desafiamos a pensar como seria conjecturar possibilidades para o ensino do voleibol.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar um ensaio teórico com proposições metodológicas assentadas tanto nas Pedagogias do Esporte quanto na teoria praxiológica em torno de uma proposta para ensino do voleibol.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse ensaio apresenta uma abordagem qualitativa (Minayo, 1994), porque intenciona desvelar uma realidade que não pode ser apenas quantificada, compreendendo o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes no processo de ensino do voleibol. Além disso, é caracterizado como uma pesquisa teórica que, de acordo com Demo (1995), está voltada para estudar teorias e formular quadros de referência.

Com tal orientação metodológica, inicialmente são trazidos os conceitos chaves da Praxiologia Motriz (Parlebas, 2020) e de duas referências específicas das Pedagogias do Esporte, as metodologias do *Teaching Games for Understanding* – TGfU (Bunker; Thorpe, 1982) e a do Ensino dos Desportos Coletivos (Bayer, 1994). Optamos, neste ensaio, por escolher estas duas metodologias de ensino para estabelecer diálogos com a teoria praxiológica, porque tais referenciais metodológicos têm se mostrado recorrentes no interior dos estudos nacionais sobre o tema (Daolio, 2002; Teoldo *et al.*, 2010; González; Bracht, 2012; Fagundes, 2020; Fagundes; Ribas; Galatti, 2020).

Posteriormente, os conceitos e as bases metodológicas são burilados e articulados em torno de análises e reflexões acerca do ensino do voleibol, organizando o que chamamos de pistas para esse processo.

Como encerramento dessa proposição, os quadros de referência produzidos neste estudo e apresentados em formatos de figuras são trazidos para elucidar os quatro momentos de organização do percurso pedagógico para orientar a ação docente no processo de ensino, a saber: 1) O entendimento da complexidade do jogo de voleibol; 2) A relevância da comunicação nas práticas sociomotrizes; 3) A

compreensão da gama de ações motrizes e das regras de ação; 4) Reflexões sobre os papéis e subpapéis do voleibol formalizado.

2.1 A Teoria Praxiológica

A Praxiologia Motriz é a “Ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento” (Parlebas, 2020, p.354). Ela surge como uma disciplina acadêmica e com bases concretas para o estudo das mais diversas práticas corporais a partir de conceitos apresentados na obra *Jeux, sports et sociétés – Léxique de Praxeologie Motrice*¹ publicada em 1998, em sua língua original, o francês. Deste modo, a ação motriz é entendida como conjunto de manifestações motrizes, requeridas ao participante, que são determinadas pelo modo de funcionamento (estrutura e dinâmica) da prática motriz.

A prática motriz é toda situação motriz que se configura como um sistema praxiológico, único e complexo – estabelecido a partir das relações existentes entre espaço pertinente, tempo de jogo, jogadores ou participantes e os implementos. Os jogos, as brincadeiras, os esportes, o yoga, entre outros, são exemplos de práticas motrizes, ou melhor, práticas corporais (Parlebas, 2020).

Outro conceito caro deste referencial teórico é o de lógica interna, denominado como “[...] as características relevantes do sistema de uma situação motriz e as consequências envolvidas para a realização da ação motriz correspondente” (Parlebas, 2020, p. 302). Todo sistema praxiológico tem sua lógica interna a partir das relações estabelecidas entre os participantes, o espaço, o tempo e os implementos, configurando as regras e as ações do jogo.

Parlebas (2020), ao analisar as ações motrizes na relação com as práticas corporais e identificar a recorrente presença de três elementos Companheiros (C), Adversários (A) e a Incerteza do meio de prática (I), identificou que havia domínios, ou seja, prevalências de alguns sobre os outros nas variadas práticas corporais. As interações motrizes estabelecidas entre Companheiros (C), Adversários (A) e a

¹ A obra está disponível em versão online - <https://books.openedition.org/insep/1067?lang=en>

Incerteza do meio de prática (I) proporcionam oito combinações possíveis na presença ou ausência de cada um desses três critérios.

Com base nessa identificação, Parlebas (2020) construiu um critério assentado no CAI (Companheiro, Adversário, Incerteza do meio da prática) que permitiu uma classificação que resultou no estabelecimento de práticas psicomotrizas e sociomotrizas. Para Schmidt (2021), a melhor forma de utilizar a classificação de Parlebas é buscando responder a três perguntas: 1) A prática tem interação com companheiros? 2) Ocorre interação entre adversários? 3) Há incerteza do meio de prática? De um modo geral, as combinações advindas do CAI nos possibilitam pensar em práticas corporais psicomotrizas (aquelas que são realizadas em solitário, ou seja, sem interação com adversário ou companheiros) e práticas corporais sociomotrizas (aquelas que demandam por interação, seja com o adversário, com o companheiro ou com ambos), as duas ainda precisam considerar a interação com o ambiente no qual elas ocorrem. Quando o ambiente é estável ou fixo, ele não interfere nas ações motrizas dos participantes das práticas corporais. Agora quando ele é instável, ou seja, se modifica, o participante precisa fazer uma leitura das suas informações para tomar suas decisões e realizar as ações motrizas.

Saber se as práticas corporais são psicomotrizas ou sociomotrizas permite que sejam elaboradas atividades de ensino que se aproximam da peculiaridade daquela determinada prática corporal. Deste modo, para sistematizar o ensino de práticas psicomotrizas que são de domínio da ação individual, as atividades de repetição e que buscam pelos automatismos tendem a ser mais efetivas. Já nas práticas sociomotrizas, que demandam pela leitura do outro e por tomada de decisão, as atividades com interação entre os participantes tendem a ser mais efetivas no processo de aprendizagem (Galvão, 2023), como é o caso do voleibol.

Além do sistema CAI, Parlebas (2020) propõe um aprofundamento ainda maior no interior das práticas corporais, quando apresenta os sete universais ludomotrizas:

Através dos Universais Parlebas abre a porta para observar sete habitações profundas daquela casa chamada jogo. Dois desses modelos permitem

estudar em profundidade os sistemas de relação que se estabelecem entre os jogadores: (1) a rede de comunicação motriz e (2) a rede de interação da marca. O terceiro modelo universal centra a atenção no sistema de pontuação (3), estudando as diferentes maneiras de finalizar um jogo, dispondo de uma memória dos sucessos obtidos pelos participantes. Outros dois universais revelam a rede de papéis (papéis) que os jogadores de qualquer jogo podem jogar e a possibilidade de mudar de um papel para outro. Estamos diante do universal denominado (4) sistema de troca de papéis. Como se tratasse de uma ampliação desse universal, o modelo denominado (5) sistema de troca de subpapéis permite ver toda a rede de mudanças possíveis nas opções de intervenção motriz (subpapéis) que se deduzem de qualquer papel. Finalmente, teremos mais dois universais, (6) o código gestêmico e (7) o código praxêmico. Ambos os códigos intervêm favorecendo a comunicação motriz entre os protagonistas; no caso do código gestêmico, os gestos são a via de comunicação indireta utilizada; já no código praxêmico, a comunicação motriz indireta se manifesta por meio das próprias ações motrizes, como por exemplo, sair correndo para que o parceiro nos veja e assim indicá-lo que passe a bola para nós (Lagardera Otero; Lavega Burguês, 2003, p. 140 – tradução nossa).

Os universais são “lentes” que nos permitem realizar uma análise mais profunda de qualquer prática corporal, pois: “São modelos operativos que representam as estruturas básicas de funcionamento de todo jogo desportivo e contém sua lógica interna” (Parlebas, 2020, p. 461). Cada prática corporal possui uma organização própria que comporta certas constantes estruturais, que são organizadas de tal forma que configuram a lógica interna e, por conseguinte, orientam as ações motrizes. O jogador de voleibol, por exemplo, apesar de tomar decisões motrizes individuais, precisa atuar dentro dos limites de interação do sistema imposto pelo contrato lúdico estabelecido com a prática corporal (Lagardera Otero; Lavega Burguês, 2003).

A primeira obra no Brasil que apresenta uma análise praxiológica do voleibol foi organizada por Ribas e colaboradores (2014) intitulada “Praxiologia Motriz e Voleibol: elementos para o trabalho pedagógico”. Nela, é realizada uma análise do voleibol com base no sistema CAI e nos Universais Ludomotrizes. Posteriormente a esta obra, outras pesquisas e publicações, do mesmo grupo de autores do livro citado, foram trazendo aprofundamentos e atualizações sobre a leitura e a compreensão do voleibol como um sistema praxiológico (Fagundes, 2019; Oliveira;

Ribas, 2019; Fagundes, 2020) principalmente em relação aos papéis e subpapeis dos jogadores no jogo.

O desvelamento exclusivo dos aspectos da lógica do jogo, das coerências internas e da gramática implícita no regulamento, não assegura a plena compreensão da prática corporal, pois quem realiza as ações motrizes são as pessoas e nas mais diversas situações e motivações, aspectos estes que se materializam no interior de um contexto sociocultural – denominado de lógica externa (Lagardera Otero; Lavega Burguês, 2003). Deste modo, podemos depreender que uma prática corporal pode sofrer mudanças em sua lógica interna por conta da lógica externa. Sobre esse aspecto, podemos apresentar um exemplo específico do voleibol quando se deu a mudança, no ano de 1999, do sistema de pontuação, alterando-se o sistema de vantagem para o sistema de pontos corridos. Modificação esta que se deu, principalmente, para diminuir a duração das partidas e garantir as transmissões televisionadas dos jogos sem que houvesse prejuízo e nem necessidade de ajustes da programação estabelecida pela rede de televisão (Marchi Júnior, 2001). Marchi Júnior (2001), aliás, é um dos autores que mais se aprofundou nessa análise da lógica externa presente no voleibol. Perceber que a lógica interna de determinada prática corporal, como o voleibol, não é fixa e imutável, aponta a importância de se apropriar destes constructos históricos que foram consolidando o formato atual (que são reflexos da estrutura da social em que estamos inseridos) das práticas corporais. Tal conhecimento amplia as possibilidades de se problematizar, por exemplo, o voleibol no processo de ensino, na medida em que as estruturas de poder e segregação presentes no esporte formalizado demarcam intencionalidades que não podem ser naturalizadas (Galvão, 2023).

2.2 As metodologias de ensino do TGfU e do Ensino dos Desportos Coletivos

O movimento de buscar outras formas de ensinar as práticas esportivas sem ser de forma fragmentada, característica do ensino tecnicista, surge

internacionalmente a partir da década de 1960. Mahlo (1964) sinaliza a importância da dimensão tática no esporte coletivo e dos processos intelectuais no desenvolvimento das ações em comparação às reproduções técnicas dos movimentos. Em 1979², Claude Bayer (1994) publica suas primeiras considerações sobre o ensino dos esportes coletivos, pautando-se na complexidade tática-técnica, nos princípios operacionais do jogo e suas invariantes (regras de ação).

Na metodologia que orienta o Ensino dos Desportos Coletivos (Bayer, 1994) ganham destaques as invariantes e os princípios operacionais do jogo.

As invariantes são estruturas que configuram o jogo sendo, nas modalidades esportivas com companheiros e adversários: a) Bola ou implemento central; b) Terreno demarcado; c) Alvo a atacar e alvo a defender; d) Parceiros; e) Adversários; f) Regras do jogo, estabelecendo uma aproximação com o conceito de lógica interna, apresentado por Parlebas (2020), e reforçando a ideia de que a compreensão da estrutura praxiológica é vital para o processo de ensino.

Para os princípios operacionais do jogo correspondentes às modalidades esportivas, Bayer (1994) apresenta seis princípios operacionais comuns que vão orientar todas as ações presentes no jogo, sendo três de ataque e três de defesa.

No ataque: 1) Conservação da bola; 2) Progressão dos jogadores e da bola até à meta adversária; 3) Ataque da meta adversária.

Na defesa: 1) Recuperação da bola; 2) Impedir a progressão da bola e dos adversários até a meta; 3) Proteção da meta.

Os princípios operacionais facilitam o processo de organização sistemática de apresentação dos dilemas inerentes ao jogo, principalmente no processo de aprendizagem dos iniciantes, dada a complexidade do jogo e sua imprevisibilidade (Galvão, 2023).

Bunker e Thorpe (1982), insatisfeitos com a baixa adesão dos alunos nas aulas de Educação Física, propõem o ensino a partir da compreensão do jogo, delineando uma metodologia chamada *Teaching Games for Understanding* (TGfU), que foi

² Aqui sinalizamos a data da primeira publicação de Claude Bayre: *L'enseignement des jeux sportifs collectifs*.

considerada revolucionária para época e permaneceu por quase 15 anos inalterada para que passasse a ser investigada (Teoldo *et al.*, 2010). O TGfU acaba se configurando como um grande impulsionador para os estudos acerca de metodologias de ensino do esporte, mobilizando, nos mais diversos países, proposições de adaptações ao seu modelo inicial.

O conceito original do ensino pela compreensão se espalhou pelo mundo, emergiram adaptações e modificações que, apoiadas na matriz inicial, apresentam diversas interpretações e harmonizações a questões culturais, etc. Entre estas propostas se destacam: o Game Sense (Den Duyn, 1997), o Tactical Games Model (Metzler, 2000), o Play Practice (Lauder, 2001; Lauder; Piltz, 2013), o Tactical Decision Learning Model (Gréhaigne; Wallian; Godbout, 2005), o Invasion Games Competence Model (Tallir *et al.*, 2007), o Games Concept Approach (Mcneill *et al.*, 2004), o Modelo da Educação Desportiva (Siedentop, 1987; 1994; 1998; Hastie; Smith, 2006), o Modelo Desenvolvimentista (Rink; French; Tjeerdsma, 1996), o Modelo da Competência nos Jogos de Invasão (Musch; Mertens, 1991) e o Modelo Integrado (French *et al.*, 1996). Em português, observam-se a proposta de Abordagem Progressiva no Voleibol (Mesquita *et al.*, 2013) e a Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos (Gonzalez; Bracht, 2012). (Grecco *et al.*, 2020, p.44).

O *Teaching Games for Understanding*, traduzido como o Ensino dos Jogos para a Compreensão, foi elaborado por Bunker e Thorpe na década de 1980. A metodologia propõe que a técnica seja desenvolvida vinculada à compreensão das tarefas latentes em relação ao jogo esportivo reduzido, após a apropriação e entendimento da dinâmica de funcionamento da modalidade esportiva.

A ideia não é negar a técnica, mas contextualizá-la, conferindo sentido às ações dos alunos ao solucionarem os problemas inerentes ao jogo esportivo. O início de sua utilização se deu na Inglaterra e, posteriormente, foi sendo difundida para diversos países que a adaptaram, resultando em metodologias que derivaram do TGfU (Fagundes, Ribas, Galatti, 2020; Grecco *et al.*, 2020).

O alicerce pedagógico da proposta de ensino do TGfU se assenta em três orientações básicas, ou seja: 1) O uso de jogos modificados; 2) O estabelecimento de resoluções de situações-problemas; 3) A centralidade do processo no aluno. Além disso, a descoberta guiada é o principal estilo de ensino defendido pela metodologia. No interior do incentivo à identificação, leitura e tomada de decisão para as

resoluções das situações problemas, seus criadores defendem que sejam realizados questionamentos táticos aos alunos a partir de situações da modalidade esportiva propriamente dita ou que emergjam dos jogos esportivos modificados e elaborados (Clemente, 2012; Fagundes, Ribas, Galatti, 2020; Galvão, 2023).

A aula é organizada de forma cíclica, transitando por seis momentos: 1) Estabelecer a forma de jogo esportivo; 2) Apreciar o jogo esportivo ou a exercitação; 3) Investigar o problema tático; 4) Levantar as potenciais soluções; 5) Intervir para melhorar as ações escolhidas; 6) Apreciar e fruir novamente o jogo esportivo com os novos conhecimentos adquiridos.

Além disso, quatro são os princípios pedagógicos dessa metodologia e que são balizadores para o desenvolvimento do TGfU: 1) Seleção do tipo de jogo esportivo: baseia-se no pressuposto que os jogos elencados pelo professor precisam oferecer uma gama de experiências que possibilitem a problematização das similaridades entre uma modalidade esportiva e outra (por exemplo, os esportes de invasão, futsal, handebol) e suas transferências de aprendizagem; 2) Modificação do jogo esportivo por representação: assenta-se na ideia de que as modalidades esportivas sejam apresentadas no formato de jogos simplificados ou reduzidos e que representem a mesma estrutura tática da modalidade esportiva formal, possibilitando situações semelhantes de tomada de decisão; 3) Modificação do jogo esportivo por exagero: defende que a tarefa precisa ser simplificada e representativa da modalidade esportiva que se está aprendendo. Exagera-se para que os alunos desempenhem a ação pretendida muito mais vezes do que normalmente estão expostos numa partida inspirada por um esporte formalizado; 4) Ajustamento da complexidade tática: orienta-se pela prerrogativa de que o desenvolvimento do jogo precisa corresponder às competências e potencialidades dos alunos, sendo a complexidade da tarefa apresentada gradativamente em função do nível de compreensão e experiência do grupo (Clemente, 2012; Fagundes, 2020).

No TGfU, os alunos irão compreender a modalidade esportiva gradativamente, numa experiência guiada pelo professor através da consciência tática e das

problematizações inerentes às situações daquela prática corporal, de forma apropriada e adequada, possibilitando desafios e respeitando o processo de cada aluno. De um modo gradual, vai sendo apresentada a complexidade tática do sistema da modalidade que está sendo ensinada. A centralidade na compreensão do jogo é o que orienta as estratégias de ensino.

Esses conceitos dessas duas grandes metodologias evoluíram ao longo dos anos, contudo o foco permanece centrado no aluno, na aprendizagem intencional por meio da descoberta guiada e da conscientização a partir da integração dos processos de aprendizagem tática e motora do aprender a jogar, jogando.

Com essa incursão na teoria praxiológica e nas bases das metodologias centradas na compreensão do jogo, identificamos possibilidades para o ensino do esporte, principalmente do voleibol.

3 REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO DO VOLEIBOL

A construção dessa proposta parte rumo a desdobramentos didáticos e não tem intenção de se configurar como uma receita, mas apresentar caminhos possíveis a partir do diálogo entre a Praxiologia Motriz e as metodologias de ensino do TGfU e do Ensino dos Desportos Coletivos.

As reflexões são apresentadas a partir de questionamentos comuns em nossa prática docente e com base nos referenciais já anunciados que vão, aos poucos, materializando a proposta de ensino de voleibol que será aqui apresentada.

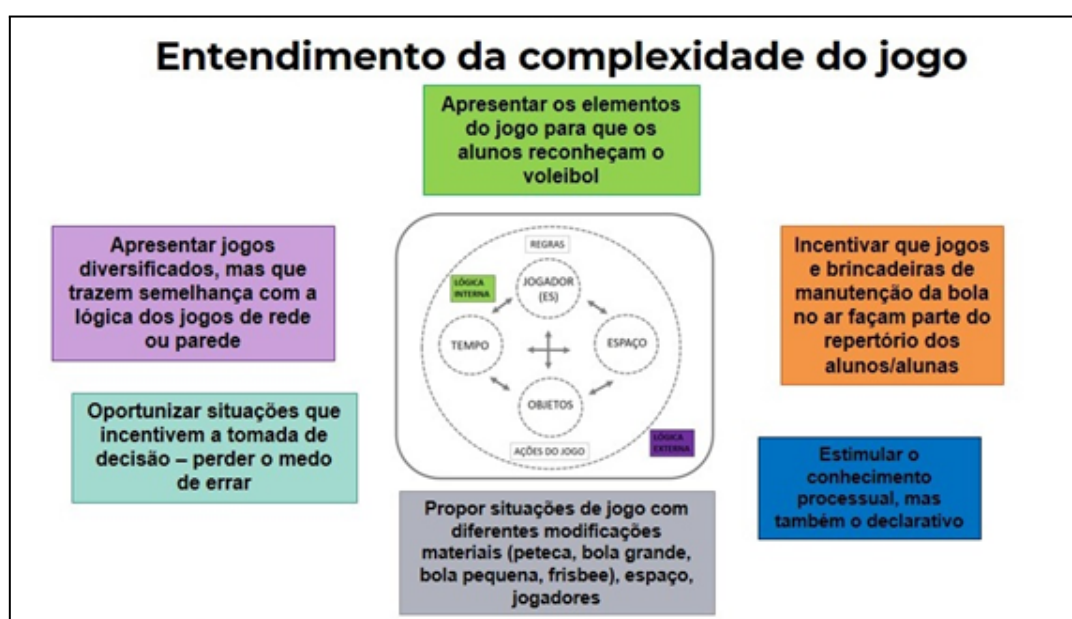
A construção da proposta se pauta em quatro momentos: 1) O entendimento da complexidade do jogo; 2) A relevância da comunicação nas práticas motrizes; 3) A compreensão da gama de ações motrizes e das regras de ação; 4) A reflexão sobre os papéis e subpapéis do voleibol formalizado.

Por se tratar de um ensaio teórico e, portanto, comprometido com conjecturar sobre quadros de referência (Demo, 1995), reunimos nessa parte do artigo um

conjunto de figuras representativas do papel das teorias que foram aqui apresentadas em cada um desses quatro momentos, tanto para se compreender melhor o voleibol quanto para se realizar incursões acerca de possíveis modos de ensiná-lo.

A escolha por usar metodologias pautadas na compreensão do jogo, reforçam a importância da apresentação e compreensão gradativa do sistema praxiológico que é o voleibol (Parlebas, 2020). Isso quer dizer que os alunos serão apresentados aos poucos, às relações e interações que acontecem no voleibol com os participantes, com o implemento, com o espaço e com o tempo, configurando as regras e as ações possíveis de jogo, sempre de uma forma gradativa, para que eles possam ir assimilando as informações e conseguindo colocá-las em prática no jogo.

Figura 1 – Primeiro momento: Entendimento da complexidade do jogo



Fonte: Elaborado pelas autoras

O primeiro momento da proposta se caracteriza como um importante momento para balizar as ações do professor nesse primeiro contato com a prática e com a gradativa compreensão dela, como ilustrado pela Figura 1.

Por esse processo, vai se dando ênfase nas interações de leitura das situações apresentadas pelo jogo e a tomada de decisão, a partir de ações menos complexas envolvendo atividades com bolas e materiais diversos que estimulem contatos com

implementos mais leves, mais pesados, com outros formatos e podendo segurar (bola, peteca, frisbee, dentre outros). Além de explorar a relação com o material e as escolhas das ações táticas e motrizes, cabe dar relevo à relação com o tempo do jogo, buscando variações no tempo de resposta antes da bola tocar o chão (ou permitindo toques no chão no início). Cabe salientar, que tende a ser recorrente, entre os alunos que estão iniciando o voleibol, a dificuldade de se deslocar em direção à bola ou mesmo que tenham medo da bola, por isso optar por usar tipos de bolas mais macias e leves pode proporcionar um ambiente mais seguro e incentivador da aprendizagem.

Este momento reúne orientações pedagógicas para que os alunos:

Compreendam o sistema praxiológico voleibol (Parlebas, 2020) e sejam capazes de reconhecer as invariantes (Bayer, 1994), sendo incentivados a tomar decisões e, cada vez, mais rápidas e perdendo o medo de errar e que sejam capazes de verbalizar essas ações e intenções;

A percepção da interação e ocupação do espaço é mobilizada a partir de espaços reduzidos proporcionando a possibilidade de maior cobertura para a defesa se comparado ao espaço oficial. Os alunos podem ser desafiados a se organizarem ofensivamente e defensivamente em espaços com configurações diferentes³ da quadra oficial de voleibol. Nesses casos, os questionamentos próprios do TGfU, incitados pelo professor, reforçam a ação intencional e a compreensão do jogo (Fagundes, 2020).

Experimentem, a partir de jogos, situações motrizes que enalteçam o princípio de manutenção da bola no ar (Ribas e cols., 2014), ampliando o repertório de possibilidades da interação com o material e com o espaço.

Os grupos de alunos iniciantes no voleibol, normalmente são heterogêneos no âmbito daquilo que sabem sobre a modalidade, por isso, tanto na condição quanto na percepção de jogo, o professor pode, com essa gama de adaptações, oportunizar o

³ Ampliamos no sentido de experimentar jogos que explorem a quadra de forma diferente, por exemplo, um jogo chamado spikebol – que usa uma espécie de cama elástica e a quadra é em 360°, com os jogadores compartilhando o espaço ao invés de um espaço delimitado fixo como no voleibol.

aprendizado pela compreensão tática, a partir do maior contato com a bola (número menor de jogadores que o esporte formalizado) e possibilitar a ampliação de ações, a partir das leituras e interações do jogo, enfatizando os princípios operacionais, como, a manutenção da bola no ar; alcançar a meta e proteger a meta (no voleibol a meta é fazer a bola tocar o chão da quadra adversária, enquanto a proteção significa impedir que a bola toque o chão da sua quadra), configurando o primeiro momento que é entender a complexidade do jogo de voleibol (Bayer, 1994).

À medida que os alunos vão compreendendo esse sistema praxiológico que é o voleibol, as novas dificuldades surgem em torno na comunicação dentro do jogo, conjecturando para o segundo momento: 2. A relevância da comunicação nas práticas motrizes como o voleibol.

Figura 2 – Segundo momento: A relevância da comunicação nas práticas sociomotrizes



Fonte: Elaborado pelas autoras

A comunicação entre os jogadores da equipe, quando um entende o outro, mesmo em um jogo de 2x2, e a contracomunicação entre os adversários, quando o objetivo é não permitir que seja feita a leitura adequada das ações que serão realizadas no jogo (Parlebas, 2020). Tais características apresentam uma informação preciosa acerca do jogo de voleibol, ou seja, a condição de que não é possível aprender a jogar sozinho ou rebatendo a bola contra a parede, a dinâmica do jogo

estabelece uma interação entre companheiros e adversários, por isso no segundo momento, os alunos irão compreender e refletir sobre elementos que se aproximam dos universais ludomotrizes (Parlebas, 2020), como a comunicação e a contracomunicação, conforme a Figura 2.

O foco na comunicação reúne dinâmicas que mobilizem os alunos para que:

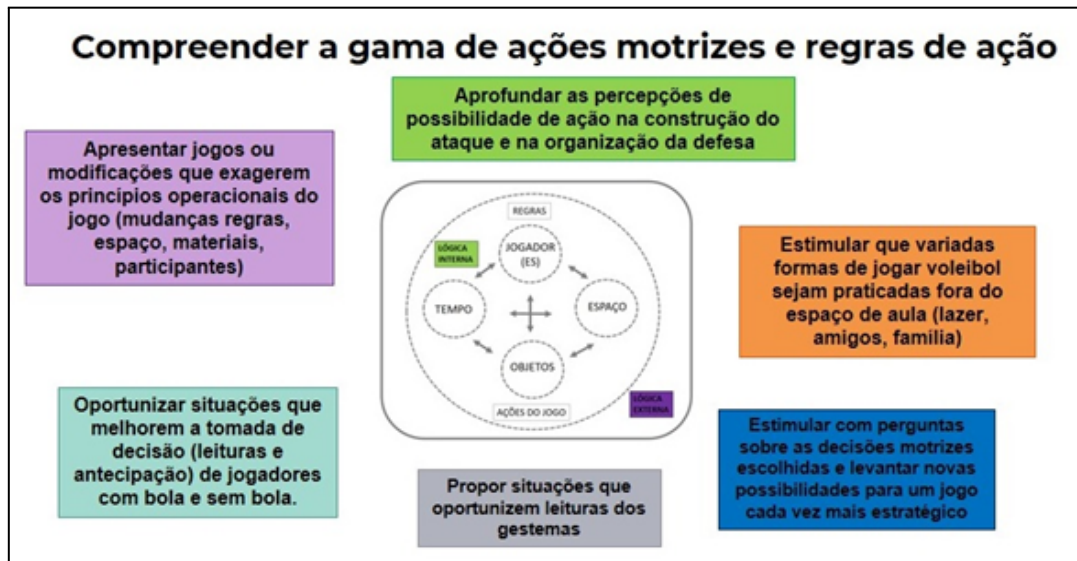
Vivenciem situações que melhorem a tomada de decisão a partir do entendimento de leitura de jogo e da comunicação, experimentando situações de jogos que exagerem (Bunker; Thorpe, 1982; Ribas e cols., 2014) na necessidade de comunicação e contracomunicação, a partir de mudanças nas estruturas;

Reflitam a partir de problematizações sobre as decisões motrizes escolhidas estruturadas nos princípios operacionais do jogo (Bayer, 1994), bem como, pensem em novas possibilidades para o jogo configurado pelo grupo ou time. Nesse momento, há a prevalência de ações intencionadas pelos alunos.

O controle da bola e a ação intencionada desvelam uma compreensão mais aprofundada, pois há uma apropriação da importância da utilização das ações do outro para atingir os objetivos do jogo. Além desses aspectos da comunicação direta, Parlebas (2020) chama atenção para os processos comunicacionais indiretos, marcados por gestos e movimentos corporais interpretados por parceiros e adversários, os praxemas. Neste sentido, ganhariam relevos questionamentos como quais são os gestos e os códigos presentes no voleibol?

O princípio defensivo de manter a bola no ar é muito valioso no voleibol (Ribas e cols., 2014), entretanto, não se pontua com as ações defensivas, apenas com as ofensivas, ou seja, o ponto só se efetiva quando a bola encosta o chão da quadra adversária. Por essa lógica, grande parte dos jogos esportivos ou modalidades esportivas de rede reforçam essa orientação em busca da pontuação, sendo raras as situações que valorizam a cooperação, tanto que os alunos apresentam mais dificuldades em jogar com do que jogar contra. Poderíamos então pensar em proporcionar jogos de manutenção da bola no ar com continuidade para estimular as ações motrizes de cooperação.

Figura 3 – Terceiro momento: Compreender a gama de ações motrizes e regras de ação



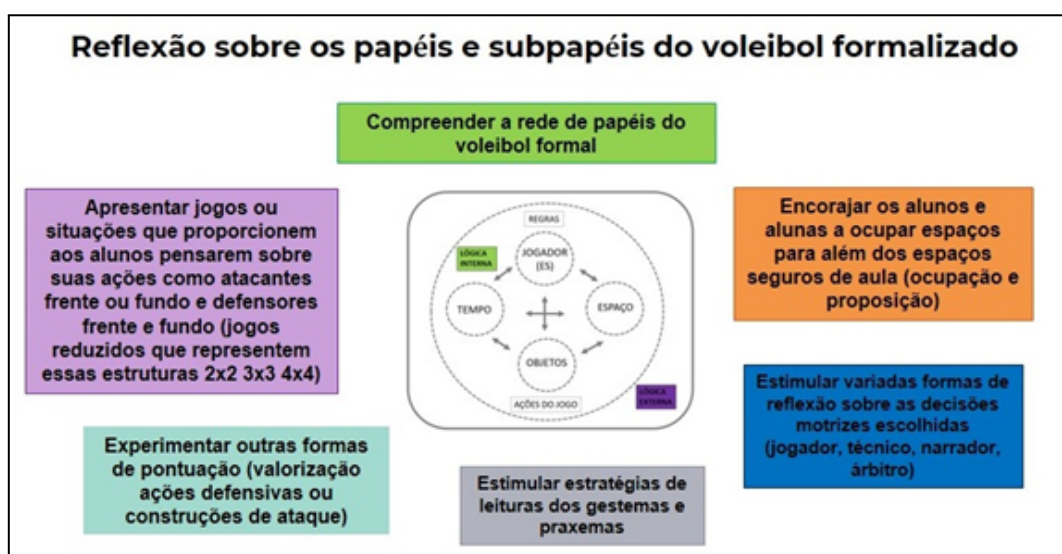
Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme observado na Figura 3, no movimento de ataque, durante a finalização, há margens para mudanças da ação no último segundo, permitindo uma cortada ou uma largada, por exemplo, e surpreendendo o oponente. Quando os alunos começam a perceber e fazer essas leituras, nota-se um desenvolvimento da antecipação, ação que possibilitará mais êxitos no jogo, por isso no terceiro momento, os alunos serão incentivados a compreender a gama de ações motrizes e regras de ação presentes no voleibol (Ribas e cols., 2014).

Essa compreensão poderá ser construída com base em ações que possibilitem: Ampliação do entendimento da complexidade de percepção dos princípios operacionais do jogo (Bayer, 1994), a partir de jogos que representem ou exagerem as possibilidades de ações (Bunker; Thorpe, 1982), na construção do ataque ou organização da defesa; Melhora da tomada de decisão a partir de entendimento de leituras de antecipação, tanto de jogadores diretamente ligados à bola como aqueles sem a bola, a partir dos gestos, da comunicação verbal e corporal, apresentados em situações desafiadoras para problematizar as decisões motrizes, almejando um jogo cada vez mais estratégico (Parlebas, 2020).

Já sem medo da bola, com ações intencionadas, conseguindo se comunicar e contracomunicar, quais são os papéis possíveis dentro do jogo de voleibol? No quarto e último momento, a proposta está na reflexão sobre os papéis e subpapéis presentes no voleibol formalizado, como apresenta a Figura 4.

Figura 4 – Quarto momento – Reflexão sobre os papéis e subpapéis do voleibol formalizado



Fonte: Elaborado pelas autoras

De acordo com o momento demarcado pela bola, são proporcionados dois grandes papéis aos jogadores no voleibol: o atacante e o defensor (ainda que eles sejam flutuantes e não fixos e definitivos, já que no voleibol uma defesa de bola pode se transformar em um ataque) (Oliveira; Ribas, 2019). No caso do voleibol, esses papéis podem apresentar algumas peculiaridades.

Nesse momento, a atenção está voltada para a compreensão do funcionamento da rede de papéis e subpapéis dos jogadores no voleibol a partir da organização das ações dos alunos nos papéis de atacantes (frente e fundo) e defensores (frente e fundo) e como elas vão se modificando ao longo do tempo (Oliveira; Ribas, 2019).

Em relação ao posicionamento inicial em quadra, frente ou fundo (em relação a linha de ataque – 3m), podemos identificar os atacantes frente, os atacantes fundo, os

defensores frente e os defensores fundo, havendo ações específicas para cada um deles. Entre as regras de ação dos atacantes, existe o papel específico de sacador, aquele jogador localizado na posição um da quadra (posição do saque). No papel de defensor, há um papel específico de defesa para o jogador que é chamado de líbero, ocupando apenas as posições do fundo da quadra e com ações de ataque muito restritas.

A melhoria da antecipação e da tomada de decisão a partir de leituras dos gestemas (gestos e comunicação) e praxemas (ações, posições do corpo, etc.), (Parlebas, 2020), tanto de jogadores diretamente ligados à bola como dos demais e o encorajamento dos alunos para ocuparem os espaços a partir dessas leituras afetam a compreensão e a evolução do jogo. Com isso, os alunos vão compreendendo os comportamentos estratégicos que podem realizar em cada um dos papéis, tanto individual quanto coletivamente, estabelecendo interações com o outro, o objeto, o tempo e o espaço (Parlebas, 2020).

O que tivemos a intenção de demonstrar nessas orientações gerais foi intersecção da teoria praxiológica com as metodologias do Ensino do Desporto Coletivo e do TGfU para o ensino do voleibol. Foram, portanto, evidenciadas várias contribuições para um melhor entendimento do voleibol em si e algumas pistas acerca de caminhos pedagógicos para o seu ensino (Oliveira; Ribas, 2019; Galvão, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre a teoria praxiológica e alguns elementos das metodologias centradas na compreensão do jogo nos deram algumas pistas sobre os possíveis caminhos para o ensino do voleibol.

Quais as características da prática que almejo ensinar? Existe relações com companheiros, adversários? Como acontecem essas relações? Quais são os papéis possíveis delineados pelo jogo e quais são as decisões que os jogadores são mais expostos dentro do jogo? Quais os sinais auxiliam essas tomadas de decisões dos

jogadores? São perguntas relevantes para planejar e elencar estratégias que possibilitem ao aluno compreender melhor o jogo, jogar bem o jogo e gostar do jogo.

Esse ensaio teórico é um movimento em prol da renovação do ensino do voleibol, anunciado pelas possibilidades pautadas em compreender as estruturas de funcionamento (participantes, objeto, tempo e espaço) e suas dinâmicas (princípios e regras de ação) com base nas interações com a lógica interna.

Os processos de ensino voltados para a compreensão e a problematização das ações e decisões motrizes dos jogadores, com base em jogos, no entendimento mais aprofundado do voleibol e pela descoberta guiada, parecem inaugurar elementos que podem orientar novas escolhas pedagógicas aos professores.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, H.; ROTHENBERG, L. **Ensino de jogos esportivos**. Ao Livro Técnico: Rio de Janeiro, 1984.

BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Dinalivros: Lisboa, 1994.

BUNKER, D.; THORPE, R. A Model For The Teaching Of Games In Secondary Schools. **Bulletin of Physical Education**, Spring, v. 18, n. 1, 1982.

CLEMENTE, F. M. Princípios pedagógicos dos Teaching Games for Understanding e da Pedagogia Não-Linear no ensino da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 315-335, abr/jun., 2012.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-104, out., 2002.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3ª ed. revisada e ampliada. Editora Atlas S.A.: São Paulo, 1995.

FAGUNDES, F. M. **O modelo teaching games for understanding e a praxiologia motriz: sistematização do ensino para compreensão da lógica interna do voleibol**. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

FAGUNDES, F. M. Princípios pedagógicos do modelo Teaching Games for Understanding: uma visão praxiológica sobre o ensino para compreensão do esporte. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-22, abril/junho, 2020.

FAGUNDES, F. M.; RIBAS, J. F. M.; GALATTI, L. R. O estado da arte da produção científica em língua portuguesa sobre o modelo Teaching Games for Understanding. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.28, n. 3, p.97-113, 2020.

GALVÃO, N. C. **Ensinar e aprender voleibol a partir de um diálogo entre as teorias da Praxiologia Motriz e dos Estudos Culturais**. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica). 2023. 224p. – Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2023.

GONZALÉZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GRECCO, P. J.; PRAÇA, G. M.; MORALES, J. C. P.; ABURACHID, L. M. C.; RIBAS, S. Vinte anos de iniciação esportiva inicial: o conceito de jogar para aprender e aprender jogando, um pedagógico ABC-D. In: BOULLOSA, D.; LARA, L.; ATHAYDE, Pedro (Orgs.). **Treinamento esportivo: um olhar multidisciplinar**. Natal: EDUFRN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 12), p. 43-64. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29073>. Acesso em: 27 set de 2023.

LAGARDERA OTERO, F.; LAVEGA BURGUÊS, P. **Introducción a la Praxiologia Motriz**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

MAHLO, F. **O acto táctico no jogo**. Lisboa: Compendium Lisboa, 1980.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no brasil (1970 – 2000)**. 282p. 2001. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, R. V.; RIBAS, J. F. M. A lógica interna do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz. **Journal Physical Education**, v. 30, e3073, 2019.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PARLEBAS, P. **Juegos, deportes y sociedades**: léxico de praxiologia motriz. 7ª reimpressão. Barcelona/Espanha: Editorial Paidotribo, 2020.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

RIBAS, J. (Org.). **Praxiologia motriz e voleibol**: elementos para o trabalho pedagógico. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do jogo: o processo organizacional dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, S1A, p. 27-38, 2017.

SCHMIDT, V. **Praxiologia e Jiu-jitsu**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). 2021. 193p. – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, Santa Maria, RS, 2021.

TEOLDO, I. C.; GRECCO, P. J.; MESQUITA, I.; GRAÇA, A.; GARGANTA, J. O Teaching Games for Understanding (TGfU) como modelo de ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Palestra**, v.10, p. 69-77, 2010.

Contribuição de autoria

1 – Nicole Chiba Galvão (Autor correspondente)

Professora de Educação Física, Mestra em Docência para a educação básica pela Universidade Estadual Paulista. Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de São Carlos. Graduação em bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário Padre Albino e graduação em licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

<https://orcid.org/0000-0002-0768-3751> • nicole.chiba@unesp.br

Contribuição: Redação do manuscrito original.

2 – Lílian Aparecida Ferreira

Docente na Universidade Estadual Paulista Júlio Me Professora de Educação Física, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0001-8517-4795> • lilian.ferreira@unesp.br

Contribuição: Supervisão (orientação).

Como citar este artigo

GALVÃO, N. C; FERREIRA, L. A. Proposta de ensino do voleibol: um ensaio teórico a partir de metodologias de ensino centradas na compreensão tática do jogo e de conceitos praxiológicos. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 42, n. esp. 1, e84641, p. 1-23, 2024. DOI 10.5902/2316546484641. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316546484641>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.